

**“NÃO TEM QUEM ORIENTA, A PESSOA SOZINHA
É QUE NEM UMA FOLHA QUE VAI COM O VEN-
TO”:** ANÁLISE SOBRE ALGUNS IMPASSES PRE-
SENTES ENTRE OS KAIOWÁ/GUARANI ¹

Katya Vietta*

A população Kaiowá/Guarani², no Mato Grosso do Sul é de cerca de 25.000, pessoas, dispersas em 22 áreas. Destas, oito são reservas demarcadas entre 1915 e 1928, as demais são aldeias tradicionais reocupadas a partir da década de 1980. A população nas reservas chega a alcançar índices que variam entre 1.000 a 7.000 habitantes, enquanto as demais aldeias abrigam uma população entre 150 e 300 pessoas.

* Assessoria Antropológica e Coordenação de Pesquisa do Programa Kaiowá/Guarani. Esta pesquisa é parte de uma proposta de trabalho mais ampla, que se insere no Projeto Integrado/CNPq - Programa Kaiowá/Guarani desenvolvido através do NEPPI/UCDB.

¹ Comunicação apresentada na II Reunion de Antropologia del Mercosur. GT 24 - Saberes Indígenas Y Tradicionales: temas interdisciplinarios. Piriápolis, Uruguai, novembro de 1997.

² A sociedade indígena Guarani, no Mato Grosso do Sul, está representada pelas parciais Kaiowá e Ñandeva, sendo que esta se auto-reconhece e é reconhecida pela denominação Guarani, portanto será tratada desta forma. Embora em menor número, os Guarani estão presentes em várias aldeias Kaiowá, por isso uso a designação Kaiowá/Guarani para me referir às duas parcialidades. Embora este estudo se proponha a tratar da sociedade Kaiowá/Guarani, no Mato Grosso do Sul, grande parte dos dados aqui analisados foram coletados na reserva de Caarapó e na aldeia de Jarará, áreas, onde o Programa Kaiowá/Guarani tem centrado mais as suas atividades. Porém, várias visitas, além de contatos com moradores de outras aldeias têm me proporcionado uma visão mais ampla desta problemática.

Em pesquisa ainda em andamento, Antônio Brand mostra que entre as décadas de 1940 e 1970, aproximadamente 100 aldeias Kaiowá/Guarani foram invadidas por fazendeiros, que promoveram a expulsão de seus ocupantes originais. A partir deste período muitas famílias foram transferidas para as reservas, porém outras passam a perambular pelas fazendas vizinhas, algumas delas, nos anos seguintes também se integram às reservas ou voltam para as aldeias reconquistadas³.

A fisionomia do território Kaiowá/Guarani, no Mato Grosso do Sul, portanto, altera-se profundamente num período bastante recente e relativamente curto. Como não poderia deixar de ser, isto se reflete nos demais setores da vida social. Assim, a questão colocada para os Kaiowá/Guarani, nestas últimas décadas é a de se organizarem em novos espaços, reordenando alguns dos antigos papéis e práticas sociais. Com isso são repensados o estatuto das lideranças, as práticas religiosas, a produção econômica e o papel da família. Em algumas aldeias recentemente ocupadas, como é o caso de Jarará⁴, devido ao longo tempo de exílio e dispersão dos grupos familiares, os vínculos que caracterizam as relações no interior da aldeia precisam ser reconstruídos. Nas reservas, a sobreposição de aldeias e de lideranças, dificulta o estreitamento entre os diversos grupos familiares, impossibilitando a construção de uma identidade que aglutine toda a população. Isto, entre outros aspectos, contribui para o enfraquecimento das lideranças religiosas e para o comprometimento da organização interna do grupo. A superpopulação também impede a exploração racional dos recursos naturais, acarretando no seu rápido esgotamento⁵.

³ Estes dados são parte da pesquisa para a elaboração da Tese de Doutorado em História, pela PUC-RS que será defendida no próximo semestre.

⁴ A aldeia de Jarará foi reocupada em 1996, depois de três décadas da primeira expulsão. A maior parte de seus habitantes viveram este tempo perambulando em fazendas ou morando na periferia do município de Juti, no qual, também, se localiza a aldeia. Vários dos atuais habitantes de Jarará nunca haviam morado em uma aldeia.

⁵ Estes aspectos foram discutidos em VIETTA, nov. 1996.

As pequenas regiões de mata que, atualmente, cobrem a maior parte das áreas, dispõem de poucos itens para o consumo e, em algumas aldeias, a sua exploração é praticamente inexistente, o solo está empobrecido e em grande parte encoberto pelo “colonião”⁶. Sem condições de manter uma produção econômica no interior da aldeia, os Kaiowá/Guarani buscam fontes de renda alternativas, principalmente, através do contrato nas usinas de álcool. Estes envolvem períodos de dois meses, sendo muitas vezes renovado após alguns dias. Portanto, durante longos períodos vários homens ficam fora da aldeia. A maioria são jovens adultos, casados ou solteiros, que ficam ausentes de suas responsabilidades familiares, econômicas, políticas e religiosas, comprometendo o papel da família extensa na produção econômica e na sustentação a nível simbólico do grupo⁷.

As famílias se organizam a partir do seu núcleo básico, contudo os laços com a família extensa detêm grande importância⁸, marcando a distribuição do espaço no interior da aldeia, onde as parentelas concentram-se em regiões geralmente bem definidas. A relação de parentesco regula as alianças e apoios políticos são visíveis nas relações de produção. No entanto, o perfil de articulação deste grupo é bastante diferenciado ao de poucas décadas atrás, quando cada aldeia congregava poucos ou apenas um grupo familiar, organizado(s) em

⁶ Panicum maximum. Tipo de pastagem exótica que facilmente se alastra pela região, impedindo a recuperação da cobertura vegetal nativa.

⁷ Na reserva de Caarapó, entre os meses de fevereiro e novembro cerca de 250 a 400 homens permanecem no contrato, além de um número não estimado de homens, mulheres e jovens que trabalham como bóia-fria nas fazendas vizinhas. Nesta reserva residem cerca de 500 famílias nucleares. É provável que todas elas contem com recursos econômicos externos para garantir a sua economia, sejam estes provenientes do trabalho assalariado ou das aposentadorias. Segundo informação obtida junto ao chefe de Posto da Reserva, em Caarapó atualmente há cerca de 300 aposentados (VIETTA, 1996b : 3 - No primeiro semestre de 1997 houve um aumento da venda da mão-de-obra, em relação ao ano passado).

⁸ Provavelmente como consequência do processo de expulsão e posterior destruição das aldeias, é comum que uma parte da parentela se encontre dispersa entre várias aldeias ou em fazendas vizinhas.

torno do *ñanderu* (nosso pai)⁹. Como chefe de família extensa, que detinha o papel de liderança política e religiosa da aldeia, cabia-lhe a condução das questões internas e a responsabilidade de organizar e articular o seu grupo. Era depositada nele a expectativa de garantir a manutenção do equilíbrio social, bem como das questões ligadas ao universo sobrenatural e natural. Este equilíbrio deveria ser mantido através das *rezas*, mas também nas constantes conversas e, conseqüentemente, conselhos fornecidos a todos os integrantes de seu grupo¹⁰.

A figura política do *capitão*, desde a demarcação das reservas é colocada à frente das lideranças religiosas e gradativamente amplia seu espaço. Porém, em aldeias que unem várias dezenas de grupos familiares, é impossível que ele represente o conjunto da comunidade ou defenda todos os seus interesses, sem com isso gerar descontentamentos ou acirrar algumas crises já existentes. Esta situação é dificultada na medida em que cabe ao *capitão* desempenhar muitas das atividades anteriormente relacionadas às antigas lideranças, além de outras surgidas neste último período¹¹. Em geral, o que se observa

⁹ O *ñanderu*, atualmente, também é designado pela expressão *cacique*, ou genericamente de *rezador*. Questionado sobre o significado da expressão *ñanderu* um informante afirma: “... *nosso pai é o nome Kaiowá pra cacique... porque é o segundo pai que se tem aqui na Terra... Pai porque sabe das coisa, dá conselho, sabe cura*”.

¹⁰ A atual fluidez do papel dos *caciques* e dos laços familiares pode ser observada na freqüente diluição dos casamentos, principalmente entre os jovens. A bebida, a violência, a intolerância com o marido que passa longos períodos no contrato, as relações sexuais extraconjugais são alguns dos elementos apontados como responsáveis pela quebra do casamento. O estabelecimento de novas uniões, muitas vezes traz como exigência o abandono dos filhos do casamento anterior, os quais são entregues aos cuidados dos avós, mas, em alguns casos, para pessoas com as quais os pais têm pouco ou nenhum contato, estas podem ou não residirem na aldeia. Os filhos adotivos são denominados *guacho*. O número de filhos *guacho*, pelo menos nas reservas, é alto e, em geral, é atribuído aos seus pais adotivos um certo descaso na sua educação.

¹¹ Entre as atribuições do *capitão*, atualmente estão atividades tais como: organizar o roteiro para o uso do trator, distribuir as sementes fornecidas pela FUNAI e as cestas básicas fornecidas pelo governo federal, promover o controle do fogo no

nas reservas é um descontentamento por parte da população frente ao papel desempenhado pelo *capitão*, pois espera-se dele um tratamento com a proximidade e a desenvoltura dos *ñanderu*, mas, neste novo quadro não é mais possível a manutenção deste tipo de figura.

A aldeia, enquanto espaço físico e simbólico, não oferece mais as condições necessárias para a reprodução das relações sociais que ainda estão presentes no imaginário Kaiowá/Guarani. Neste novo quadro, os *caciques* passam a ocupar uma posição secundária, não lhes cabendo mais o envolvimento em questões políticas ou de caráter mais estrutural. Nas reservas, e mesmo nas aldeias menores, os rituais (*rezas*) que deveriam ser cotidianos acontecem com pouca frequência, e quando ocorrem, atraem um pequeno número de pessoas, na maioria, ligadas ao grupo familiar do *rezador*¹². A crítica feita pelos *caciques* é que eles não são mais procurados para conversar ou dar conselhos e que a comunidade, especialmente os mais jovens não participam das *rezas*, porque “não querem mais sabê das coisa do sistema”. Os rituais de passagem foram abandonados¹³ e o papel dos *rezadores* nas práticas de cura também foi profundamente relativizado. Alguns atribuem o abandono das *rezas* ou das práticas de cura ao fato dos *caciques* utilizarem bebidas alcoólicas industrializadas

...continuação

interior da aldeia, encaminhar os doentes à rede de atendimento, resolver questões internas nas escolas da aldeia. E, ainda, como cabia aos antigos *caciques*, é chamado para intervir nos mais variados problemas familiares: desavenças, problemas com os filhos, com vizinhos, separação de casais, transferência ou saída de famílias na aldeia, brigas ou outros tipos de violência. Como afirma Silvio Paulo, *capitão* da reserva de Caarapó, que possui quase 3.000 habitantes: “É um trabalho muito pesado de *capitão*. Tem que tá lá sempre em dia se não o pessoal cobra.”

¹² As únicas exceções parecem ser as aldeias Panambizinho e Jaguapiré. O fato dos *caciques* destas aldeias reunirem, em torno de si, parte significativa da população está ligado, certamente, ao seu prestígio pessoal, contudo a história recente de resistência destas aldeias também é um dado representativo neste sentido.

¹³ Somente na aldeia Panambizinho ainda acontece o *kunumi pepy*, ritual onde se realiza a perfuração do lábio dos meninos, marcando a sua passagem para a fase adulta.

durante os rituais, porém, este é apenas um dos elementos neste quadro de mudança.

Por outro lado, ao analisar os depoimentos que fazem referência às lideranças religiosas, pelo menos entre aqueles que não freqüentam as Igrejas Evangélicas, pode-se supor que os *caciques* detêm um papel importante no interior da sociedade. Eles são considerados como os principais conhecedores e responsáveis pela difusão da cultura tradicional, a sua experiência nas práticas de cura e no conhecimento das plantas medicinais é igualmente destacada. E, ainda, são tidos como responsáveis por manterem o equilíbrio da Terra, de forma a retardar ou evitar a sua destruição sobrenatural¹⁴, isto é possível através do seu conhecimento e potencial mágico para garantirem o equilíbrio sobre mundo terreno e sobrenatural¹⁵. Dito de outra forma, os *caciques* são identificados como os fornecedores dos recursos necessários para a manutenção do equilíbrio sobrenatural, natural, social e conseqüentemente individual. A importância de buscar uma aproximação pessoal, tendo em vista receber “conselho” ou aprender as “coisas da cultura”, bem como da manutenção e participação assídua nos rituais é constantemente expressada pela maioria das pessoas. Porém, como foi dito acima, o conteúdo destes depoimentos não expressam a realidade. Portanto, cabe questionar onde está centrada a intenção deste discurso.

¹⁴ Referência ao mito que trata da destruição da Terra. Segundo este, pode-se dizer que a destruição seria uma forma de demonstração divina do seu descontentamento frente à conduta humana nesta Terra.

¹⁵ Exemplo disso são as explicações sobre os suicídios, sobre o desequilíbrio ambiental e, como será abordado adiante, sobre o atual quadro de desorganização da sociedade.



Foto: Katya Vietta

Aldeia Panambizinho. Lauro Conciança. Chefe de família extensa e um dos caciques da aldeia.

A diluição do papel da religião tradicional e do *ñanderu* enquanto figura central, além do abandono de várias práticas rituais parece ser um reflexo das transformações ocorridas nas últimas décadas e, ao mesmo tempo, pode indicar algumas das causas e das conseqüências do quadro de desorganização interna, presente na maioria das aldeias, o qual tem no alcoolismo e no suicídio suas expressões mais evidentes. Ao meu ver, esta diluição, suplanta uma série de referências que são imprescindíveis, e acaba sendo expressa através de um sentimento de “falta de orientação” ou “falta de apoio”, seja para promover a organização das aldeias, ou o equilíbrio individual. Alguns destes elementos estão presentes no depoimento de Hipólito Martins¹⁶:

“Tô triste aqui. Nós índio, antigamente tinha tudo. Não ia pra fazenda. No mato tinha tudo... Acabou tudo. Hoje, se que um

¹⁶ Hipólito tem 40 anos. Possui um papel de destaque junto à população Guarani que reside em Caarapó. É *cabeçante*, ou seja, é uma das pessoas responsáveis por arregimentar a mão-de-obra para o contrato com as usinas. Em conseqüência desta atividade passa pouco tempo na aldeia.

quilo de sal tem que í pra fazenda... O movimento dos índio tá meio separado. Não tem mais como guardá as coisa dos cacique antigo... Se tivesse os cacique aqui na minha volta para continuar o que é do índio, mas não tem mais... Quem pode dá o caminho é os cacique. Se ele dissé que tem que andá assim, assim. Se ele fazê [isso], é bom. Agora se ele não usá esse caminho [de dizer como fazer], eu não posso ajudá mais. Isso que eu tô falando é dos cacique de antigamente... se a gente se ajuntasse rezá com os cacique tudo certinho... Agora, nenhum índio não, pego as coisa daquele tempo de passá do pai, da mãe, o que a mãe usava, o que o pai, o que a mãe, orientava... O menino pensa e não sabe se tá seguindo certo o não, né... Como que essa criancinha vai vivê. Ele já vai vê outro movimento de trabalho. E a cultura memo, do próprio índio, vai acabá. Daqui um tempo não vamo seguí mais. Se tivesse um cacique que falava assim também: Olhe! Você tem que andá assim, assim... Hoje a gente vê os cacique não fala mais isso, não fala. Se falasse assim, se juntava aqui, vamo fazê aqui, hoje, nós tinha gosto. Como é que a gente vão se uní?... Não fica mais conversando essas coisa... Hoje eu não sei se existe, ainda, um cacique próprio dos Kaiowá/Guarani fazendo uma reunião, fazê um debate. Pra nascê de novo vai sê muito difícil...”

Hipólito, assim como outras pessoas, aponta a revitalização do *caciques* como única alternativa para promover a reorganização das aldeias. Porém cabe questionar como viabilizar esta revitalização, pois o cenário mudou e os atores ocupam novos lugares.

Ainda neste depoimento, destaca que a baixa produção da economia interna, que segundo ele motiva a venda da mão-de-obra, está ligada à falta de organização da própria aldeia e atribui esta situação à falta de apoio. Porém, este pode ser percebido a partir de dois aspectos, pois indica a falta de apoio da FUNAI ou de outras agências, no fornecimento de itens para o plantio (sementes e implementos), mas também se refere à imobilidade da comunidade no sentido de buscar alternativas que favoreçam a sua articulação. Neste caso é apontada a atual ineficácia dos *caciques* em promover esta organização.

“...se tivesse uma organização, por exemplo aqui na aldeia... Se a gente tem um apoio pra atingi essas pessoa, a comunidade, de cada aldeia... pra produzi, pra acompanhá esse movimento ... Se algum branco tá acompanhando, não precisa isso, aquilo, será pode ele ajudá a gente?... Mai hoje nós tamo assim, cadê apoio pro índio, nós, cadê apoio... Fazê aquele trabalho pelo, menos dentro da comunidade... Que continuasse sempre firme, no trabalho. Não adianta falá pra comunidade que eu sô assim, assim e eu não faço aquilo que eu prometo pra comunidade... [refere-se ao capitão e à FUNAI]... Antigamente os cacique era assim [agiam daquela forma]. Não é [mais assim] porque acabou, modificou o jeito, o sistema, sabe...”

O depoimento de Avelino Ramires reforça as questões levantadas por Hipólito¹⁷.

“Falta uma coisa pra nós aqui, falta uma coisa pra nós. Não tem roça, não tem coisa aqui, porque falta uma coisa pra nós... Se eu não orientá um filho, ele não vai sabe fazê... Não vem ninguém conversá aqui. Agora que vêm vocês. Tá tudo parado aqui, porque falta uma coisa pra nós... Aqui é tudo trabalhador. Aqui na reserva falta uma coisa. Tá tudo parado o pessoal tá na Debrasa [usina de álcool], tudo. Quando a criança tem pai que orienta, ela sabe fazê. Assim também é criança, é trabalhador. Ele qué trabalha, mas não sabe como fazê”¹⁸.

Estes relatos mostram um paralelo entre “orientação”, “apoio” e o papel do pai de família ou mais especificamente do *cacique*. Ao que parece, na medida em que este perde o seu espaço como articulador das questões internas, as famílias não se percebem mais como gestoras

¹⁷ Uma das várias atividades propostas pelo Programa Kaiowá/Guarani é o apoio à produção de alimentos. Para isso são feitas reuniões sistemáticas com grupos organizados, espontaneamente, que acabam reunindo essencialmente as parentelas. Este depoimento foi colhido, na reserva de Caarapó, em uma das discussões promovidas pelo Programa e expressa o conteúdo de outras falas ocorridas durante as reuniões.

¹⁸ As reclamações de Avelino estão relacionadas à quase inexistência de roças, na aldeia, durante o período anterior de produção.

destas, e transferem para fora do grupo familiar a busca de alternativas. Como foi dito acima, isto é esperado, em primeira instância do *capitão*, o que naturalmente está associado ao lugar que este ocupa, mas também pode ser alcançado através de instâncias externas à aldeia, como é o caso do Programa, da FUNAI, outros órgãos públicos. As Igrejas Neopentecostais e a escola, também são instituições importantes no sentido de apontar para novos caminhos¹⁹. Estes elementos levam a questionar até que ponto os Kaiowá/Guarani não estão em busca de uma nova figura que ocupe o papel dos antigos *caciques*.

Como foi dito acima, o consumo de bebida alcoólica é bastante alto e, assim como os suicídios, é um reflexo da desorganização vivenciada na maioria das aldeias. Como pode ser observado em outros depoimentos, a falta de alternativa, de orientação, sentimento de solidão, de abandono, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e o suicídio parecem ser parte da mesma questão.

“Quando bebia, ficava loco, loco mesmo... Não tem nada pra mim. Eu não vô solucioná... Aí, já penso em suicidá. Porque não tinha nada pra mim. Aqui na terra não tem solução pra mim. Não tem mais solução. Aonde que é bem, não vô mais achá solução. Pai tá velho e é bêbado. Não tem mais solução pra ele. Meus parente também é assim. Quem vai orientá? Por isso que queria suicidá... Bagunça tudo, aí se suicida” (Avelino Ramires)²⁰.

“Ficamo [ela e o marido] viciado no álcool. Eu bebia muito, tentei me suicidá [por duas vezes, a última ingerindo soda cáus-

¹⁹ Por outro lado, também é possível observar que o estabelecimento de alianças externas, ou a conquistas de espaços para além da aldeia, são elementos que ampliam o status pessoal, indicando que o prestígio pode ser conquistado de fora para dentro.

²⁰ Avelino tem 41 anos. Há pouco tempo atrás, deu início à sua formação como *rezador*, sendo uma das pessoas preocupadas com a difusão da religião tradicional e a manutenção dos rituais. No entanto, depois de alguns problemas pessoais, passou a freqüentar, por influência de sua mulher, uma das Igrejas Neopentecostais sediadas na reserva de Caarapó e hoje está convertido. A entrevista com Avelino e Luzia Paulo foi feita em conjunto com Antônio Brand.

tica]... Fica com fraqueza pro álcool. A gente perde a clareza... Não tem quem orienta. Acha que a bebida é vida... Eu não tenho mais a chance de achá a solução da vida. Tentei enforcá. Toda a minha família tentô se matá. [Quando questionada sobre os motivos que levam ao suicídio, afirma:] ...a pessoa sozinha não sabe pra onde í. É que nem uma folha que vai com o vento...” (Maria Teresa Fernandes)²¹.

“bebia porque não pensava em nada. Vivía abandonada... eu tô sozinha, não tem solução pra mim” [Odália Mendes²² começou a beber depois que sua filha de 9 anos enforcou-se].

Esta pessoas mostram que chegaram a uma situação limite, onde o suicídio parecia ser a alternativa. No entanto, atualmente todas elas afirmam que se sentem bem, pois encontraram um novo caminho, ao ingressarem em Igrejas Neopentecostais. Ao que tudo indica, estas vêm, justamente, suprir a lacuna deixada pelos antigos *caciques*, pelo menos para parte da população, especialmente das reservas. Talvez por isso as Igrejas Neopentecostais tenham conseguido ampliar a sua penetração principalmente entre as gerações mais novas, em tão pouco tempo²³. Um exemplo disso são as colocações de Silvio Paulo (36 anos), Maria Teresa Fernandes, Avelino Ramires e Feliciano Gonçalves (55 anos):

“bebi durante 7 anos, brigava com todo mundo, com mulher, família, com as pessoa na aldeia. Veio pastor aqui na aldeia levantá nós, depois não caiu mais ninguém. Então a gente

²¹ Maria Teresa Fernandes, cerca de 30 anos. Esposa de Sílvio Paulo -capitão e pastor. Uma das pessoas responsáveis pela organização da Igreja *A palavra de Cristo para o Brasil* na reserva de Caarapó.

²² Odália Mendes, 22 anos.

²³ As Igrejas Neopentecostais começam a ter seus templos no interior das reservas no final dos anos 70 e início dos anos 80. A primeira foi na reserva de Dourados. Em Caarapó a Igreja *A palavra de Cristo para o Brasil* se estabelece em 1995, depois que Sílvio Paulo, se torna capitão e, também, pastor desta. *A palavra de Cristo para o Brasil*, segundo Silvio, conta com cerca de 120 participantes. Depois, mais 4 igrejas de outras denominações neopentecostais foram construídas na reserva.

mesmo falô pro pessoal. A Bíblia ensina a gente. Muito bem mesmo. Ensina como fazê casamento sério, como tratá o mais velho, viúvo, criança.” [Justificando a sua conversão e o fato de ter se tornado pastor].



Foto: Katya Vietta

Reserva de Caarapó. Igreja Neopentecostal ao lado da casa do capitão Silvio Paulo.

“... um pastor que trouxe uma solução pra nós... Eu chorava muito, depois que tentei me suicidá...Desespero! Eu não tinha mais paz... Eu não tinha paz! Aí recebi a obra do Senhor e recuperei.”

“Primero esposa aceitô Jesu... Depois ela disse pra mim aceitá Jesu. Eu sarei [do alcoolismo]. Se eu não aceito Jesu eu morreva já. Agora eu tô curado. Entreguei minha vida pra senhor Jesu e tô esperando pra vê o que acontece. Agora vô cuida somente dos meu filho e da minha mulher. Junto com minha família, mudô a vida.”

“Era doente, me machuquei, sofri muito, fui a tudo hospital e não consegui sará. Na Igreja me senti bem... Depois batizei, sarei. Sarei do espiritual e do material... e não gastei com

remédio. Achei muito bom, agora veve mais tranqüilo e sossegado. Alegria tudo anda com a gente, não tem tristeza nem nada. Antes da Igreja, era nervos[o], parece que tinha alguma coisa junto comigo. Hoje não tem mais.”

As Igrejas Evangélicas não são propriamente uma novidade entre os Kaiowá/Guarani. A Missão Caiuá da Igreja Presbiteriana possui sedes vizinhas às reservas, desde 1928, eles dispõem de hospital, escolas, oferecem vários cursos profissionalizantes, entre outros serviços. O número de convertidos, há algum tempo, não pode ser considerado insignificante. Mas a multiplicação de adeptos e à inserção das Igrejas nas reservas são dados recentes. Isto estaria ligado a própria proposta destas Igrejas através das ondas neopentecostais²⁴, mas também, como foi tratado anteriormente, ao acirramento dos problemas vivenciados nas Reservas. Porém, cabe questionar qual é o apelo apresentado por estas Igrejas para atrair tantos adeptos e, ainda, onde está a potencialidade de apropriação e reelaboração do seu conteúdo. Neste sentido vale a pena observar alguns relatos de pessoas recentemente convertidas.

Avelino e sua esposa Luzia Paulo (28 anos) explicam os motivos que os levaram à conversão. Inicialmente, ele diz que deixou de freqüentar as *rezas*, porque durante um ritual coletivo alguém tentou esfaqueá-lo e, em seguida, conta que:

“Jorge Paulo [cacique] não quer mais fazer reza porque levam pinga pra ele. (...) Tem briga e coisa. Antigamente não tinha pinga, pessoal vinha pra aconselhá ... [Hoje, o cacique] não

²⁴ Ari Pedro Oro divide a chegada das diversas denominações Petencostais no Brasil em três ondas: a primeira inicia em 1910, com a Congregação Cristã e Assembléias de Deus; a segunda, na década de 1950 com a Igreja Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962) e a terceira, no final dos anos de 1970, com ênfase na Igreja Universal do Reino de Deus. Para o autor as Igrejas da segunda e da terceira onda são as chamadas Neopentecostais. Sua ênfase estaria no dom da cura e no exorcismo do demônio (1996 : 20-21). São estas últimas que vêm aumentando sua presença nas áreas Kaiowá/Guarani.

faz mais serviço certeza. Quando vai na reza tem que levá 5, 6 litro de pinga ... Se não tem dinheiro, não compra. Se não leva pinga não faz reza e se não bebe pinga não sara..."

Luzia afirma que tinha “cânceres e cachumba” na axila e no pescoço. Sua primeira iniciativa foi procurar o cacique Jorge Paulo, que é seu tio paterno: “*Eu paguei muito pra ele, dinheiro e pinga. (...) Doença que não cura no hospital e benze, fica assim mesmo [não cura]. Hospital não cura, cacique não cura... Jorge não reza mais porque bebe muito*”.

Depois ela consultou com a médica, no posto de saúde da reserva, que indicou que ela fizesse uma operação, mas ela tinha medo de realizá-la.

“Penso nos filho pequeno. Minha mãe não mora aqui, mãe de Avelino é finada, não tem nenhum parente pra cuida das menina pra mim í no (hos)pistal fazê operação [ou se responsabilizar por elas, na possibilidade de sua morte]”.

Ela teve problemas de saúde por mais de 3 anos, até que foi visitada por Silvio Paulo e um pastor de fora da aldeia. Estes recomendaram que “*aceitasse Jesu*” e que “*passasse óleo ungido na cachumba e onde tava os cânceres*”. Segundo ela, desde a primeira vez que ela usou o óleo, começou a melhorar e 15 dias depois estava curada: “*melhorei e não paguei nenhum tostão*”. A partir de então passou a freqüentar a Igreja.

“Aceitei Jesu... Faiz um ano que tô curada... Não fui mais no médico. Tem muita gente que foi curada assim ... Pessoa pra chegá na Igreja tem doença e não sara, então vai na Igreja e sara. Aceita Jesu e sara... Silvio só benze, é Deus que cura.”

Porém, afirmam, este potencial de cura só é alcançado por quem freqüenta as Igrejas Neopentecostais: “*Missão [Caiuá] é fraco, não cura, não faz isso. Jesu usa só Deus é Amor e Palavra de Cristo pra Brasil. Só este que Jesu usa, que cura*”.

Eles também têm uma posição bastante clara quanto {à influência da Igreja nas ocorrências de suicídios. Avelino afirma:

“É por isso também que suicídio não aconteceu. Ora pra Deus pra não acontecê mais isso. Todo mundo na Igreja ora e não acontece mais suicídio. Faz oito mês [abril-novembro/1996] que não acontece mais. No tempo de Agripino [outro capitão] tinha suicídio todo dia, agora não tem mais”²⁵.

Maria Teresa conta que a vida dela e do marido

“...virô uma bagunça. Silvio ameaçô de me abandoná, por causa da bebida. Aí eu parava um pouco, mais depois continuava. Comecei bebê com 18 ano ... Problema no casamento. A gente não tem mais valor, ninguém confia mais na gente, aí perde a cabeça. Depois que bebe não tem condição de voltá.”

Depois de tentar se matar ingerindo soda cáustica, ficou com muitas seqüelas: perdeu uma parte da língua (metade, segundo ela), teve o rosto deformado, não falava direito e babava muito. “[Me] sentia pior que antes, e continuei bebendo e querendo me matá”. Porém, mediante influência de sua mãe ela recebeu a visita de um pastor. Este lhe pergunta:

“‘Você confia em Deus?’ Confio, mai não confio muito. Aí ele me disse: Se você acreditá em Deus, Deus vai fazê uma obra na sua vida. Mas você tem que acreditá! Ele disse que eu tinha sido escolhida para falar em nome de Deus... Como Deus ia escolhê uma pessoa assim, ainda mais deformada como eu tava? [Então ri.] Eu ia falá em nome do Senhor e ia cuspi, assim, em todo mundo! Eu não acreditava em nada e continuei na pinga, mais já diminuí um pouco. As duas coisa trabalhava na minha cabeça: se largava a cachaça ou não.

²⁵ Refere-se à redução da taxa de suicídio na aldeia, relacionando este dado ao fato de um pastor assumir o posto de *capitão*. Desconsidera, contudo, os três casos de suicídios ocorridos durante o período citado. Aliás, em Caarapó, os últimos registrados até o momento.

Silvio ainda bebia... Aí conversei com ele... Disse assim pra ele: eu já passei por muita coisa ruim na vida. Eu vô sê crente e pará de bebê pinga... tem que achá uma manera de recuperá a minha vida. Comecei a orá e apegá mais com Deus. Um dia eu tava no trabalho curativo com o Senhor, e falei com ele. Eu falei com Deus mesmo! ... É que nem remédio, se você tem fé, sabe que ele vai te curá, ele cura! Aí eu fiz uma campanha de 30 dias com Deus. Se Deus me dé essa graça, se ele me ajudá, eu vô mudá a minha vida ... Em 30 dias voltei a falá direito... Larguei de vez a pinga... Se Deus me recuperô a minha vida, pra mim, eu dô o meu testemunho onde eu andá. Aonde eu andá vô falá em nome de Deus... Recebi a obra do Senhor e recuperei. Se acreditá, Deus faz a sua obra. Deus fez o seu milagre. Hoje não sô mais defeituosa... Nem brigo mais em casa... Não babo mais. Deus realizô pra mim o meu pedido. Aí fiquei tranqüila... Aí pedi a Deus que iluminasse o meu caminho e que nunca mais voltasse para aquele caminho... Primeira vez que o pastor veio aqui, eu não gostei do pastor. Eu tinha ódio disso. Não acreditava, não sabia o que era acreditá em Deus, orá pra Deus... Eu agradeço muito a Deus, porque tava no último período da minha vida..."

Quanto às causas relacionadas aos suicídios Maria Teresa diz que:

“Suicídio tá seguindo porque há crise. O tipo de pecado que chega à pessoa. Aí pessoa não suporta, não se apega com Deus... Na Igreja se faz campanha a favor de quem não é crente e pra evitá o suicídio. Se pede a Deus pra tê misericórdia do povo que mora nesta área indígena. Pra afastá esse espírito mau.”

Odália afirma:

“Se não aceitasse Jesus ia morrê...bebia muito e pensava em suicídio. Graças a Deus, Jesus me libertou e eu tô bem! ... Quem tem Jesus no coração não sofre. Jesus nos libertô de toda a vaidade. [significado de vaidade] ... é quem não vive bem, não sente bem, tá muito perturbado... Não vivia bem por causa do

adulterio. Ia na chicha [reza], bebia muito. Não pensava em mais nada, de coisa do mundo... traía o marido..."

Ela passou a frequentar a Igreja antes do marido (João Vera, 32 anos) e pressionou a sua conversão: “*Se você não vai aceitá Jesus eu vô te largá, falei pra ele.. Ele bebia... e me judiava muito... brigava de batê*”. Mas, como conta Odália, outro acontecimento foi decisivo para seu ingresso na Igreja.

Ele tentou se enforcá na destilaria. Então, Silvio falô pra ele:

“quando quisesse enforcá pensasse que sangue de Jesus tem poder. [numa segunda tentativa] Ele pegô a blusa, ia usá ela pra enforcá... Quando chegô lá na cerca, pra amarrá a blusa, ele lembro do que Silvio falô pra ele e repetiu aquilo. Depois largô e ficô parado, olhando. O Jesus libertô ele pra não enforcá. Jesus ajuda!”

Silvio Paulo afirma que, deste que ele se tornou *capitão*, houve uma grande redução do alcoolismo e de vários tipos de violência na aldeia, incluindo os suicídios. Até abril deste ano, ele teria sido chamado para conversar com sete pessoas que tentaram o suicídio. Segundo Silvio elas desistiram desta idéia e acabaram ingressando na Igreja em que ele é pastor. Atribui a redução do consumo de bebida e do suicídio ou das tentativas deste, às suas constantes conversas individuais e coletivas. Nestas ele diz chamar a atenção para a importância da vida e de Deus.

“Dô um conselho bom pra pessoa, pessoa vê que tá errado... depois ela mesmo dá testemunho (na Igreja) que tava errado mesmo.”

De fato, entre os “crentes” neopentecostais a abstinência do álcool é total. Embora não seja um consenso, aliados e mesmo alguns adversários políticos de Silvio concordam que nestes últimos dois anos houve uma redução nos índices de alcoolismo, violência, bem como dos suicídios.

No entanto, a redução do índice de suicídios não ocorreu ex-

clusivamente na reserva de Caarapó²⁶ e, certamente, isso envolve um conjunto de aspectos. Entre as causas dos suicídios indiscutivelmente está o processo histórico, profundamente desfavorável, vivido nas últimas décadas. Mas acima de tudo elas devem ser observadas como um fenômeno multicausal que precisa, ainda, ser melhor compreendido, principalmente considerando o alto índice de mortes alcançado em 1995 e a sua posterior redução. No entanto, para os Kaiowá/Guarani, pelo menos entre os não-crentes, o suicídio é entendido como uma *doença*, ligada à dualidade da alma humana, sobre a qual os *caciques* não estão conseguindo manter o controle. Isto estaria diretamente relacionado ao abandono, por uma parcela significativa da população, de uma série de práticas culturais, especialmente de caráter ritual, onde se destacam os rituais de passagem. Além da perda de prestígio por parte de muitos *caciques*²⁷. Como afirma Isaac de Souza, *cacique* da Reserva de Dourados: “quando ainda seguia o sistema Kaiowá não acontecia isso. Não morria, não, nenhuma pessoa não morria, não [de suicídio]. Mas agora o cacique que não lembra mais de cantar, cacique não lembra mais de rezar... esqueceu tudo. Por isso que acontecendo isto”²⁸.

Na aldeia de Jaguapiré, onde não foi registrado nenhum caso de suicídio, Rosalino Ximenes²⁹ atribui este fato à manutenção das

²⁶ No ano de 1995 os suicídios, entre os Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul, alcançaram o seu índice mais alto, com um total de 55 casos, em 1996 passam para 28 casos e em 1997, 14 casos até o mês de novembro. A título de comparação em 1994: 33 casos; 1993: 22 casos; 1992: 30 casos; 1991: 27 casos, 1990: 30 casos e entre 1986 e 1989: cerca de 25 casos. Para a reserva de Caarapó tem-se as seguintes cifras: 1983: 2 casos; 1985: 1 caso; 1986: 1 caso; 1990: 2 casos; 1991: 1 caso; 1992: 5 casos; 1993: 1 caso; 1994: 4 casos; 1995: 8 casos; 1996: 3 casos; 1997: nenhum caso, até o momento. Estes dados foram, em sua grande maioria, levantados por Antônio Brand e são parte de sua pesquisa para a elaboração da Tese de Doutorado, op cit.

²⁷ Sobre os suicídios entre os Kaiowá/Guarani ver: BRAND, Antônio, 1995; 1996a; 1996b; VIETTA, Katya, 1996.

²⁸ BRAND e VIETTA, 1997, p. 9.

²⁹ Rosalino tem 36 anos. É filho de *rezadores*. Mora na aldeia de Jaguapiré. A entrevista com Rosalino foi feita em conjunto com Antônio Brand.

práticas culturais, referindo-se essencialmente aos rituais e ao papel que as lideranças religiosas exercem na aldeia.

“Aqui nunca aconteceu isso aí, por que nós tamo batalhando pra não acontecê isso daí... É por causa que nós acredita no cacique, acredita no nossa sistema... E, nós fizemo e muita gente tá respeitando também. Nos leva em sério, prá valê a nossa cultura”³⁰.

Apesar desta problemática não ter sido tratada de forma exaustiva, a princípio, pode ser percebido que a possibilidade, ou não, de organização dos grupos familiares em torno dos *caciques*, nas aldeias e reservas Kaiowá/Guarani, embora não seja exclusivo, é um aspecto fundamental para compreender a atual situação vivenciada por esta população. Este dado ganha sentido se observado a partir da necessidade de reestruturação dos grupos familiares, frente à redução dos espaços disponíveis para a ocupação, principalmente na última metade deste século. No entanto, como pode ser constatado, apesar das alterações internas, estes grupos mantêm o modelo de atuação do *cacique* como referência, tanto para a articulação das questões de ordem social como para a intermediação com o sobrenatural. Porém, se o *cacique* se mostra uma figura fragilizada e incapaz de fornecer estes elementos, eles passam a ser buscados em diferentes pessoas ou instituições e reconstruídos através de outros meios. Pelo menos é o que mostra os relatos acima, na medida em que indicam como as

³⁰ Outro exemplo a ser considerado é a reserva de Pirajuí, onde a população é de cerca de 1.100 pessoas, essencialmente pertencentes à parcialidade Guarani. Esta é a única reserva onde, até o momento, não foi registrado nenhum caso de suicídio. É necessário analisar com profundidade os aspectos que a diferenciam das demais. Contudo, ao que parece, apresenta uma maior coesão social, proporcionada pelo pequeno número de famílias extensas, que representam a base desta população e, apesar da influência da Missão ser contemporânea à demarcação da reserva, aparentemente, os *caciques* detêm um papel importante e reúnem um grupo representativo de pessoas durante a realização da *chicha*. Outro aspecto que deve ser considerado é o grande controle realizado por parte do chefe de Posto sobre a venda de mão-de-obra, consumo de bebidas alcoólicas, bem como sobre a construção de Igrejas no interior da aldeia. Pirajuí é a única reserva que não possui sede de Igreja Neopentecostal no interior de seus limites.

Igrejas Neopentecostais, através de seus pastores, conseguem fornecer os referenciais que permitem restabelecer esta ordem.

No entanto, é preciso questionar se esses referenciais se traduzem na aquisição de um novo modelo, ou apenas consistem na releitura das práticas e crenças tradicionais, isto é, até que ponto as Igrejas Neopentecostais, entre os Kaiowá/Guarani, trazem uma nova forma de religião, ou apenas representam a reelaboração de um conceito externo, segundo a lógica tradicional. O pastor, enquanto intermediador do plano terreno e sobrenatural, é capaz de curar³¹, controlar o índice de suicídios, assume o papel de “conselheiro” e, ainda, restabelece as práticas rituais³². Portanto, fornece os recursos imprescindíveis para o restabelecimento do equilíbrio individual e também social³³.

Para Silvio Paulo³⁴ o papel que ocupa como *capitão* e pastor é essencialmente o mesmo desempenhado por seu pai, no passado e, quanto à religião tradicional, ainda, afirma: “*É tudo igual, Deus é só um. ... Muda que, na Igreja, a gente reza com a bíblia... a bíblia mostra as coisa que os antigo ensinava, só que tá escrito. O que mostra na bíblia é a mesma coisa que o pai ensinava pra gente*”.

Conclui a conversa citando passagens da bíblia que tratam do final do mundo, comparando-os aos ensinamentos recebidos de seu pai.

³¹ A superação do alcoolismo ou a busca da cura de doenças, que geralmente já foram tratadas por *caciques* ou médicos, são elementos sempre associados aos motivos apresentados para a conversão.

³² Por outro lado, o conceito de família também é reordenado, pois agora envolve os “irmãos” que se congregam em torno do pastor.

³³ Sobre este tema veja também BRAND & VIETTA, 1997.

³⁴ Silvio é filho de Ponciano, que até pouco tempo atrás era um dos *caciques* mais importantes da reserva.

BIBLIOGRAFIA

BRAND, Antônio. *O impacto da perda da terra e correspondente confinamento sobre a tradição Kaiowá*. V ABA (Merco)Sul, Tramandaí, set. 1995. 17 p.

_____. *Se os Ñanderu conseguirem falar novamente com Deus*. Os Kaiowá: a construção de uma história oral. In: Seminário Internacional sobre “História do imaginário religioso indígena”, São Leopoldo, set. 1995. 11 p.

_____. A violência na Reserva de Dourados. *Porantim*, Brasília, ano XVIII, n. 185, p. 10, maio 1996.

_____. *O suicídio segundo os Guarani/Kaiowá*. In: VI Encontro da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, São Paulo, jul. 1996. 29 p.

_____. Os suicídios entre Guarani/Kaiowá no Estado de Mato Grosso do Sul. *Multitemas*, Campo Grande : UCDB, n. 1, p. 45-53, 1996.

BRAND, Antônio; VIETTA, Katya. *Os impasses na relação com sobrenatural e a entrada das Igrejas Neopentecostais entre os Kaiowá/Guarani no MS*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional de Filosofia Intercultural. Mesa Redonda: O Interdisciplinar e Intercultural: Culturas Latino-Americanas. São Leopoldo, UNISINOS, abr. 1997. 15 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Magia e religião. In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1985.

ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis : Vozes, 1996.

VIETTA, Katya. Sem nossa cultura somos bichos: subsídios para uma reflexão a respeito da interpretação cosmológica Kaiowá

sobre os suicídios. *Multitemas*, Campo Grande : UCDB, n. 2, p. 98-109, dez. 1996.

_____. Programa Kaiowá/Guarani: algumas reflexões sobre Antropologia e prática indigenista. *Multitemas*, Campo Grande : UCDB, n. 4, p. 68-85, out. 1997.